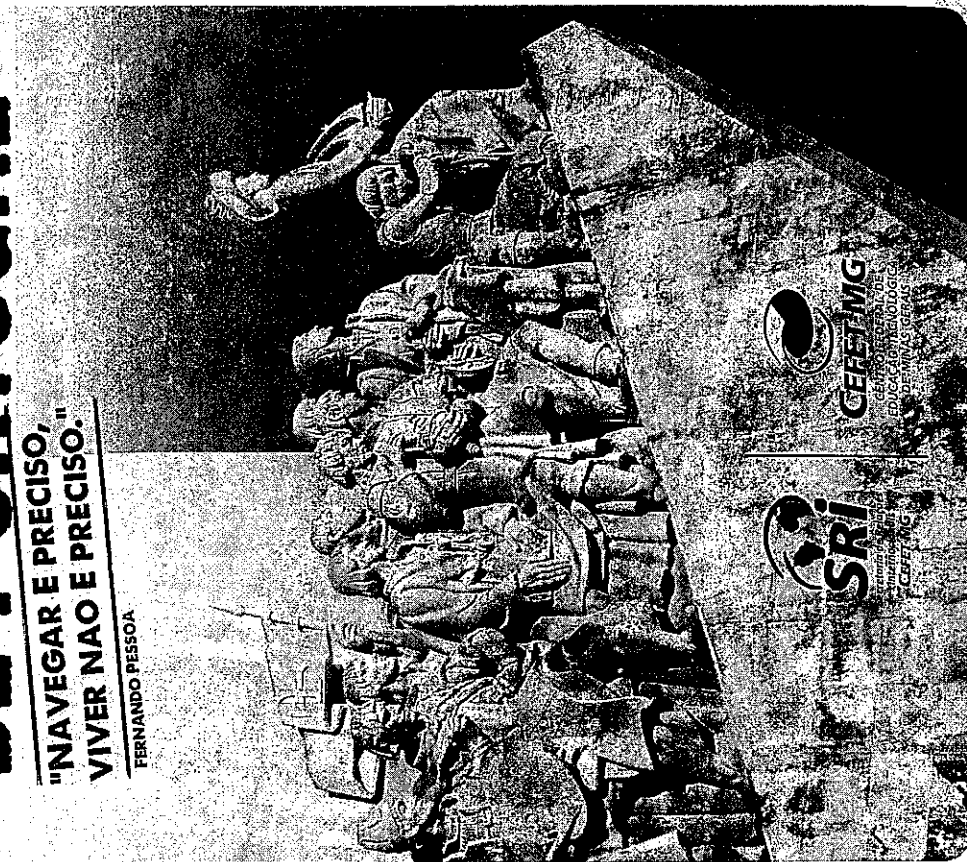




MEMÓRIAS DE PORTUGAL

"NAVEGAR E PRECISO,
VIVER NAO E PRECISO."

FERNANDO PESSOA





MEMÓRIAS DE PORTUGAL

"NAVEGAR É PRECISO,
VIVER NÃO É PRECISO."

FERNANDO PESSOA



SUMÁRIO

VIAJAR É PRECISO	7
Por Elise Hungaro da Cunha	
O OLHAR ESTRANGEIRO	9
Por Michelle Rodrigues Machado	
UM POUCO DAS MINHAS ANDANÇAS EM LISBOA	11
Por Viviane Ribeiro	
DESPEDIDA	15
Por Lorena Carmo	
PRIMEIRA IMPRESSÃO	18
Por Lorena Carmo	
SAUDADES	20
Por Lorena Carmo	
RELATO DE UMA BRAZUCA "A TENTAR" FALAR COMO PORTUGA	21
Por Elise Hungaro da Cunha	
"A NOITE É BOA CONSELHEIRA"	23
Por Elise Hungaro da Cunha	
TOMAR, O REFÚGIO	26
Por Elise Hungaro da Cunha	



EXPEDIENTE

ORGANIZAÇÃO

Elise Hungaro da Cunha
Secretaria de Relações Internacionais - SRI

COLABORAÇÃO

Elise Hungaro da Cunha
Michelle Rodrigues Machado
Viviane Ribeiro
Lorena Carmo

PROJETO GRÁFICO e FOTO DA CAPA

Fabício Henrique da Silva Passos
Setor de Comunicação Visual - SECOV

VIAJAR É PRECISO



Por Elise Hungaro da Cunha
Instituto Politécnico de Tomar

"Viajar é trocar a roupa da alma."
Mario Quintana

Acho que a gente viaja em busca de sentir completo. Em busca de novos olhares. Na esperança de entender esse mundo tão diferente e tão igual. Mas é uma coisa engraçada, depois de cada viagem eu não sei se me sinto mais completa ou mais vazia. Acho que a gente deixa um pouquinho de si em cada lugar que conhecemos. A gente se faz um pouquinho portuguesa, brasileira, "do mundo"...

Criamos laços com essa atmosfera inexplicável que cada cidade tem. Construimos um vínculo silencioso com as pessoas, os lugares e os momentos. O retorno à rotina é um alívio e um peso ao mesmo tempo.

Acho que vamos em busca do novo e acabamos encontrando o novo em nós mesmos. Tomamos consciência do quanto o mundo é grande e do quanto nossos problemas são pequenos perto de tanta grandeza. Ao mesmo tempo, percebemos a extensão das nossas ações e como são sensíveis as conexões que nos unem. Começamos

a questionar antigas certezas e a reafirmar outras. Uma das que eu mantenho é a de que viajar é um dos melhores investimentos que se pode fazer. Seja através de um intercâmbio, seja em um cantinho novo da nossa própria cidade.

A rotina é importante, é ela que molda quem somos, mas só o novo nos engrandece.

O OLHAR ESTRANGEIRO

Por Michelle Rodrigues Machado
Instituto Politécnico de Bragança

Vamos em busca do melhor azeite, de fartos pratos de bacalhau do Porto, vinhos de excelente qualidade envoltos por todo o clima europeu. Deparamo-nos com Bragança e seu inverno congelante, um pedacinho de Portugal alí quaaasee na Espanha, onde, acredite, pode-se ir de trator. Na primeira semana, queremos correr de volta pra casa e nunca mais embarcamos nessa aventura europeia. No primeiro mês, o coração aperta de saudades de ouvir o nosso idioma "brasiliano", pois aqui "já está" louco para "deitar fora" esse português estranho. Quando nos damos conta, já vamos "tomando um pequeno almoço", satisfeitos em começar o dia. Ir á "casa de banho", sem necessariamente precisar se banhar. Terminamos toda frase com um sonoro "pronto" e nos sentimos em casa quando vamos a um restaurante típico ao som de "Piradinha". ??? A educação é tão presente que assusta; perde-se o medo de sair sozinho; desagarra-se das bolsas e atravessa-se as faixas sem a menor preocupação. Nas salas de aula, o assunto é o Brasil! Acredite, os portugueses possuem imensa curiosidade a nosso respeito, acham fantástico um só país possuir 200 milhões de habitantes e, claro, se martirizam por ter nos perdido em uma época distante. A primavera chega

e nossos olhos se deslumbram com qualquer planta! Mesmo por menor que seja, floresce de tal forma que encanta. A cidade vira um imenso colorido e a gente se pergunta que solo é esse? E a resposta é: um pedacinho do nosso berço. Vemo-nos neles e eles se enxergam na gente. Enfim, nos sentimos em casa mesmo que ainda tenhamos saudades da nossa pátria. Que nos perdoem os manifestantes contra a copa, eu torci pelo Brasil como nunca havia torcido antes e aquele hino... me arrepiou. E se o mundial é no Brasil, o mundo inteiro está aqui em Bragança. E passamos o dia todo assistindo a um jogo diferente com um amigo diferente de um país diferente, torcendo e vibrando assim como a gente. A dor do fim vai chegando com muitas despedidas pelo caminho. E, se agora volto pra casa, "para a minha verdadeira casa", levo comigo Bragancinha no coração, com a promessa de que voltarei um dia. Aos novos intercambistas, boa sorte ao descobrir Bragança. A surpresa é realmente linda!

UM POUCO DAS MINHAS ANDANÇAS EM LISBOA



Por *Viviane Ribeiro*
Instituto Superior de Economia e Gestão de Lisboa

Após semanas de correria na preparação para a viagem, enfim estava eu no avião que me levaria a uma das melhores experiências da minha vida. Foram em torno de nove horas de voo... Nove horas nas quais eu nunca havia me sentido tão inquieta antes. Éramos eu e mais dois amigos da faculdade embarcando juntos nessa fase que denomino indescritível de nossas vidas.

Chegando ao aeroporto, uma velha amiga minha (atual moradora de Lisboa) nos buscou e nos levou ao hotel onde ficaríamos hospedados até encontrarmos uma moradia fixa. No meu primeiro dia em Lisboa me senti em estado de choque com tudo o que estava acontecendo comigo. Fomos conhecer um pouco da cidade e fiquei maravilhada com tudo o que estava vendo... ruas muito limpas, metrô para todos os lados da cidade, construções bem características de Portugal, ah, e um frio que jamais senti na minha vida! Estava realmente muito frio!

Ao procurar um restaurante para comer no segundo dia, vi um cartaz anunciando a bendita FEIJOADA. Eu

não sei por que eu inventei de pedir um prato tão típico do Brasil num país cujo feijão era completamente diferente do que estamos acostumados. Me dêem um desconto... Havia acabado de sair do meu país (do qual sou grande apreciadora da cultura, e culinária, é claro), e nesse momento percebi que ainda não havia caído a ficha de que não estava mais no Brasil. Foi dito e feito... a pior feijoada da minha vida!

Rs

É claro, para moradores de Belo Horizonte acostumados com a Lagoa da Pampulha, o Rio Tejo de Lisboa é mar! Era próximo ao hostel onde estávamos hospedados. Fiquei admirada com sua beleza, e só depois descobri que não passava de um rio (rs), e que o mar maravilhoso ainda estava por vir.

No primeiro dia de aula, ao conversar com novos colegas de classe percebi que, apesar de termos o mesmo idioma, em certos momentos eu parecia estar ouvindo mandarim (com o perdão do exagero rs). Defino a linguagem dos portugueses como "mais rápida e fechada" se comparada aos brasileiros falando. Levei alguns dias para me adaptar completamente ao sotaque português e não precisar mais me esforçar para entender o que foi dito.

Me deparei com uma grande dificuldade para encontrar moradia, pois estava procurando algo compatível com os meus interesses junto aos interesses dos meus dois colegas da faculdade. Além disso, chegamos em uma época em que o semestre já havia começado, e com isso, muitas residências já ocupadas. Por fim, encontramos uma residência que totalizava 24 quartos e praticamente todos cheios! Apavorei com a ideia

de dividir a casa com essa quantidade de pessoas, mas hoje digo, QUE ÓTIMO que era essa quantidade de pessoas! Eram países diferentes, culturas diferentes. Aprendi demais com todos eles, e o clima dentro da casa era ótimo! É claro que há coisas um tanto quanto "inusitadas" num ambiente tão diverso, como por exemplo, o fato de eu acordar no primeiro dia com uma serenata "a la japonesa" vinda do quarto ao lado do meu (sim, minha vizinha de quarto cartava a todo volume as músicas de sua terra logo cedo) rs.

Ao lado da casa, havia um jardim, chamado Jardim da Estrela. Que lugar! Que energia maravilhosa! Fiquei encantada com o primeiro dia de sol após longos dias de frio em Lisboa. As pessoas como um todo estavam num clima de boas-vindas ao sol, como se valorizassem cada segundo de calor. Vi isso também pelas pessoas da casa, principalmente as que vieram de partes mais frias do mundo. Uma coisa que para nós brasileiros é tão comum, para eles é algo que não se vê todo dia. A grama do Jardim da Estrela se transformou na areia da praia, a qual todos usavam pra tomar sol. Mas sim, o frio da Europa é completamente diferente do Brasil, e eu também estava esperando ansiosamente a chegada do sol.

O Bairro Alto é outro lugar que eu gostei muito! Como se fosse o ponto de encontro de todos os jovens. Todos os dias da semana. Um lugar que com certeza fica marcado no coração de cada um que por ali passa.

Algo que me impressionou foi a segurança que Lisboa oferece. É claro, como qualquer outro lugar no mundo é preciso tomar algumas precauções, mas comparado

ao Brasil, senti uma segurança como jamais consegui sentir aqui antes.

As diferenças entre expressões utilizadas em Portugal e no Brasil é algo cômico. Um dos bons amigos que fiz em Portugal ria de mim todas as vezes que eu dizia "trem" ou "uai", como a típica mineira que sou. Isso porque ele custou a entender que o "uai" de minas não é o mesmo que "why" do inglês... rs. Algo que acho engraçado, é o fato de eles não utilizam o famoso gerúndio tão utilizado por nós. Enquanto dizemos "estou fazendo", eles dizem "estou a fazer". E assim como nós, eles também possuem expressões típicas, como dizer que algo está "ao pé", ou melhor, simplesmente está "perto".

Finalizarei um pouco das histórias das minhas "an-danças" por Lisboa dizendo que ao contrário do que a maioria de nós pensa, os estrangeiros gostam do Brasil/ brasileiros. Têm muita curiosidade a respeito do nosso país, nossos costumes, enfim, temos muito a aprender com os europeus, mas temos muito a passar pra eles também.

O que concluo com toda essa maravilhosa experiência é que, antes de ir já sabia que seria algo único, tanto para a minha vida profissional quanto pessoal. Mas hoje percebo que somente quem vive conhece a dimensão do ganho que temos com isso tudo. É algo simplesmente indescritível. Sinto que agora, o mundo é pequeno pra mim!

DESPEDIDA

Por Lorena Carmo

Instituto Politécnico de Tomar - Campus Abrantes

*Eleita a melhor crônica da turma em trabalho de literatura contemporânea.

Era uma tarde chuvosa de maio, algo comum naquele mês. Deitada no seu quarto em meio a suspiros, olhou ao redor na esperança de encontrar algo que a livrasse daquela terrível sensação que lhe pesava o peito. Mas não era a mobília de carvalho que iria livrá-la da depressão que lhe assombrava. Só havia uma coisa que tiraria todo aquele sentimento de angústia do peito. Mas ele não mais estava, havia partido, ela o deixara ir. Conseguiu ser forte nos primeiros dias. Seguiu em frente como se nada fosse. Mas uma simples carta, em que ele lhe contava sobre a nova vida e como estava feliz e bem, foi o suficiente para se dar conta de que deixara partir tudo aquilo que sempre procurara num homem. Abriu mão do amor, sem sequer saber conscientemente que o amava. Por um breve instante, em meio às lágrimas, deixou-se inundar de memórias, do tempo em que passaram juntos, de como tudo começou, do primeiro beijo no bosque da faculdade, todas aquelas tardes intermináveis que passavam juntos, conversando sobre tudo e sobre nada. E de súbito sem que se permitisse, o subconsciente a levou para aquele dia, aquele péssimo dia em que se despediram. Queria voltar no tempo refazer tudo. Dizer a ele para não ir, que ela

precisava dele aqui, ao lado dela. Mas não foi nada disso que aconteceu. Aquela tarde em especial, nada teve de interminável, ele precisava ser breve pois ainda não havia arranjado as malas. E ela que ainda estava se fazendo de forte, inventou um compromisso qualquer, para tornar assim a despedida rápida e prática. Caminharam juntos até o ponto de partida de autocarros mais próximo, e enquanto ficavam a espera, conversaram amigavelmente sobre outros assuntos, numa inútil tentativa de abrandar o peso da despedida. Quando avistou o autocarro, virou-se e beijou-lhe de um jeito doce e sutil, bem diferente de como fazia em circunstâncias normais. O autocarro se aproximava e havia tempo para a única frase que havia ensaiado a dias: - Bem... é triste pensar que tinha prazo de validade, agora que o tempo se esgotou. Não era nada disso que havia ensaiado. Acontece que no último segundo, algo nos olhos dele a fez receder o pensamento e dizer qualquer outra coisa. Ela precisava manter-se forte, para ela, por ele. - Sim, é difícil pensar que tudo acabou. E sem deixar espaço para ele falar qualquer coisa, ela fez o que sempre fazia quando ele deixava transparecer seus sentimentos por ela. Fugiu. Adentrou no autocarro e foi-se embora. Não teve notícias dele nos dias em que seguiram, concentrou nos estudos, trabalhava mais que o horário habitual. Até que chegou aquela maldita carta. De primeira reação sentiu raiva, quanta petulância da parte dele em mandar uma carta contando toda a felicidade que sentia, enquanto ela estava sozinha. Chegou a duvidar dos sentimentos dele por ela. Tentou convencer a si mesma de tudo que viveram foi mentira, e que ele não mais pensava nela. Mas com um pouco de lucidez, tornou a ler a carta, e mais uma vez, e outra, até que foi abaiço

o muro que havia criado para seus sentimentos. Não mais negava que sentia a falta dele, assumiu o amor que por ele sentia, e deixou que todo o sentimento de perda e solidão tomasse conta. Naquela tarde chuvosa de maio, ela respondeu-lhe a carta. E enquanto ponderava se devia ou não enviar, adormeceu.

PRIMEIRA IMPRESSÃO

Por Lorena Cazmo

Instituto Politécnico de Tomar - Campus Abrantes



Mãos suadas. Ataque cardíaco. O medo do novo. As saudades do passado. Se estava bom, porque tinha que estragar tudo? Outra estação. Mais medo. Quanto mais estações o comboio avançava, mais eu estava próxima ao meu destino. E toda vez que me lembrava disso ficava mais apreensiva, mais desesperada. O que fazer quando chegar? Como me apresentar. Preciso primeiro de ir buscar minhas chaves na Faculdade. Depois de fazer as malas. E mais tarde, sair pela cidade, talvez. Ou chorar as mágoas no travesseiro. Ou então, não fazer absolutamente nada. Simplesmente dormir, para tentar esquecer as saudades que já me acometia. E então, a voz do comboio anuncia "próxima paragem, Abrantes". E com toda a coragem que não tinha, desci e enfrentei meu novo destino, minha nova vida, na minha nova cidade, no meu novo país. Sim, tudo mudou de repente, e antes que eu mesma percebesse toda aquela angústia e inquietação deu lugar a novos sentimentos, ansiedade, vontade, alegria. Sim, sem perceber eu almejava aquilo, conhecer o novo, viver intensamente emoções, nunca antes experimentadas. Provar pra mim mesma que eu era capaz! Ao sair da estação, a primeira dificuldade, precisava de um táxi. Por sorte, um logo apareceu, e fui tão

"NAVEGAR É PRECISO,
VIVER NÃO É PRECISO."

bem tratada que quase me senti na capital mineira. Fomos até a faculdade. Peguei as chaves do quarto, e mãos a obra. Desfiz as malas, arrumei o quarto para que ficasse do meu agrado para que pudesse ser meu refúgio, afinal ali viveria pelos próximos 6 meses. O telefone toca. Era a minha "madrinha", marcamos um encontro dentro de meia hora. Arrumei, e fui ao encontro da querida Sandra. Ela me apresentou a cidade, seus amigos e me levou para jantar. Foi uma noite leve, divertida. Nada de tristezas ou melancolia. Enfim, Abrantes prometia!

SAUDADES

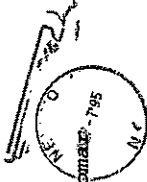
Por Lorena Cabral
 Instituto Politécnico de Tomar - Campus Abrantes



Não vou me esquecer dos amigos que fiz, das festas que frequentei. Muito menos das farras que fizemos. Não vou me esquecer dos almoços no refeitório, que sempre acabavam em discussões filosóficas. Dos jantares "terapêuticos". Dos gritinhos e risadas de fidelidade. Sempre me lembrarei dos professores, das aulas, dos trabalhos e principalmente das provas, com muito carinho. Dos apertos quando o prazo de entrega estava curto, do desespero quando não sabia por onde começar, e do alívio quando tudo terminava bem no final. Memórias me vêm em mente, boas e ruins. Alegres e tristes. Acontecimentos que me fizeram amadurecer, aprender a viver. Ser alguém de quem eu tenho orgulho. Tenho presente que guardarei para sempre. E tenho memórias que fazem parte de mim, parte de quem eu sou.

RELATO DE UMA BRAZUCA "A TENTAR" FALAR COMO PORTUGA

Por Elise Hungaro da Cunha
 Instituto Politécnico de Tomar - 795



Hoje foi um dia mesmo fixe. Logo pela manhã, a rapariga que é minha vizinha ofereceu-me boleia para o mercado. Andar de carro a borla é mesmo giro. Económico o dinheiro que iria gastar com o comboio ou com o autocarro, sem falar no tempo que perderia com as paragens. No mercado, comprei fiambre, um gelado bué gostoso, uma banda desenhada para ler em casa e uma camisola XPTO. Se calhar, vou usá-la na aula amanhã. Depois, combinei de encontrar-me com alguns gajos no Café Paraíso. Quando estava indo, um peão passou para o outro lado da rua fora da passadeira e quase foi atropelado. Logo que me viu disse-me que era caloiro e não estava acostumado a estas cenas, pois vivia na fazenda com sua Avó. Era um gajo bem giro e convidou-me para ir comigo encontrar a malta toda no Café. Quando estávamos lá, fui à casa de banho e o autoclismo não estava a funcionar bem. Pensei que alguma gaja pudesse ter jogado pensos higiénicos e entupido a sanita. Estava tramada! Iam logo pensar que fui eu quem preparou o engodo para a próxima a usar. Com o meu telemóvel acedi à net em busca de ajuda. Como indicado, peguei uma palhinha de refri- perante consegui desentupir a sanita. A cena era que

havam jogado lá dentro um grafador! Percebes? Um grafador! Ao sair da casa de banho, já havia uma bi-cha bué grande esperando para usar. Quando retornei a mesa contei a cena à malta e todos riram. Não sei bem se foi do caso ou da minha tentativa de falar Português de Portugal. Pois.

"A NOITE É BOA CONSELHEIRA"

Por *Elise Hungaro da Cunha*
Instituto Politécnico de Tomar



Passava um pouco das 21 horas de uma quinta-feira. Era fim de inverno e o sol já havia se posto. Entrei no trem em Lisboa com destino a Tomar. Sozinha pela primeira vez em um país distante. Uma mala quebrada de 30 quilos em uma mão, o endereço do Hostel na outra e um bocado de apreensão no coração. Escolhi um lugar junto à janela, arrumei a mala e me sentei. O trem se pôs em movimento e me virei para observar a paisagem daquele que seria meu novo lar. À medida que o trem foi se afastando das luzes da cidade, a noite caiu e o que eu vislumbrava pela janela não era mais a paisagem, mas o reflexo daqueles que dividiam o vagão comigo. Dediquei-me, então, a escutar a conversa que vinha dos outros poucos assentos preenchidos. Minha mente se empenhava na tarefa de traçar o perfil desse povo que seriam meus vizinhos, professores e, quem sabe, amigos, nos próximos meses. Trouxe comigo, é claro, os estereótipos que invariavelmente nos são apresentados ao longo dos anos, mas me recusei a aceitá-los como verdades. Pareciam gargalhar bastante. Falavam alto. Rápido demais para que eu entendesse, às vezes. Um sotaque tão singular que quase me fez duvidar se falávamos mesmo a mesma língua. As estações iam passando e eu

perguntei, meio pra saber, meio pra puxar assunto, quantas faltavam pra chegar. Foi o suficiente. Queriam saber de onde vinha, porque vinha, quanto tempo ia ficar. Descobri que eles eram portugueses, mas moravam fora para tentar juntar dinheiro, na Suíça. Que tinham um casal de amigos em Tomar que faziam uma comida maravilhosa. Que o filho deles também fazia intercâmbio. Que gostariam de conhecer o Brasil.

A conversa deles me fez companhia até que chegássemos à estação. Ajudaram-me a tirar a mala. Agradei a companhia. Procurei um taxi. Não achei. Procurei-me. Como fazer para chegar em um lugar que nunca estive, com uma mala quebrada? Eles estavam esperando o casal de amigos que viria buscá-los e quando perceberam minha situação não hesitaram: eu iria com eles. O casal chegou, lhes fui apresentada e quando eu dei por mim estava "enfurnada" em um pequeno carro com 4 portugueses que eu tinha acabado de conhecer.

Levaram-me até o Hostel. Enquanto a motorista me passava o endereço do restaurante onde ela vendia a famosa comida da qual sua amiga havia me falado, e me dizia que podia contar com ela para qualquer coisa que eu precisasse, sem que eu visse, os outros levavam a mala para cima na escadaria do Hostel.

Foram embora e me deixaram com o prelúdio de que seria uma boa experiência. Que sorte a minha ter me encontrado com eles. Não fosse a noite me fazendo voltar à atenção para as pessoas dentro do vagão, talvez eu ainda estivesse sem conhecer ninguém, à espera de um táxi na estação.

Os meses se passaram, aprendi muito no curso, descobri novos costumes e novas palavras, conheci lugares incríveis e fiz amizades que, espero, ultrapassem as fronteiras de Portugal. Encontrei-me com a mctorista daquele primeiro dia mais duas vezes: quando fui almoçar em seu restaurante e quando fiz um brigadeiro, uma das minhas especialidades da culinária brasileira, e levei pra ela. Não nos aproximamos muito e, felizmente, não precisei mais de seu auxílio; mas só de saber que caso precisasse eu o teria, já foi uma grande ajuda para respirar fundo e encarar a experiência.

No meu último dia em Lisboa, antes de voltar para o Brasil, novamente em um trem, eu olhei para a paisagem. Também era noite, mas desta vez eu estava viajando pela beira da praia iluminada, e num murc, eu li a frase "A Noite é boa Conselheira". Depcis, eu viria a descobrir que este é um famoso ditado prtuguês. Naquele momento, por algum motivo, essa frase me pegou. Acho que um pouco pela iminência da volta ao Brasil e toda a emoção que a mudança carrega. Ou talvez por que eu estava buscando explicações e qualquer palavra boba serviria como um sinal. Independente do porquê, pra mim essa frase fez um enorme sentido. Foi a noite que me fez olhar para o reflexo das pessoas na janela daquele trem, no primeiro dia. Foi a noite que me deixou em Portugal que me levou de volta ao Brasil. Foi nela, também, que eu encontrei espaço para refletir e tentar entender, ao menos um pouquinho, os aprendizados desta experiência tão intensa e fugaz que é um intercâmbio. Acho que, afinal, a noite é mesmo uma boa conselheira.

TOMAR, O REFÚGIO

Por *Elise Hungaro da Cunha*
Instituto Politécnico de Tomar



A cidade que hoje leva o nome de Tomar foi fundada por volta do século XII, por Dom Gualdim Paes, Grão-mestre da Ordem dos Templários. Ele ordenou a construção do Castelo que, atualmente, é o primeiro cartão postal que se tem vislumbre ao chegar à estação de comboio e pode ser visto de quase toda a cidade. O Castelo serviu de base para a Ordem dos Templários e foi palco de grandes batalhas devido a sua importância geográfica, pois guardava uma das melhores entradas para o Rio Tejo e, consequentemente, para os locais estratégicos da região. A Ordem dos Templários foi uma das mais condecoradas em seu tempo e suas leis e costumes são únicos. Já a Ordem de Cristo, criada ao fim do século XIV, que substituiu a Ordem dos Templários e, sob o comando do Infante D. Henrique, adicionou novas estruturas como a Charola, uma das partes mais bonitas do Convento, hoje considerado Património Mundial pela UNESCO. No entorno do Castelo e do Convento foi se delineando a cidade de Tomar.

Com pouco mais de 45 mil habitantes, Tomar é uma típica cidade de interior portuguesa, com um castelo no topo, ruas estreitas e tesouros históricos escondidos

em cada esquina. O estilo de vida é tranquilo e pode-se cruzar a cidade a pé se estiver bem disposto. Existe apenas uma rua boémia onde se concentram os principais bares e restaurantes da cidade, que dividem a Praça Principal com a Igreja Matriz. O contraste entre o novo e o velho é visível em todo lugar e a todo o momento. O Politécnico, que permite aos alunos desenvolverem e criarem o novo, o mega supermercado da famosa rede portuguesa Continente e o McDonalds logo a sua frente convivem harmonicamente com os traços bucólicos e templários da cidade. Os carros param para que os pedestres atravessassem a rua, e caso o motorista esteja distraído e cometa o disparate de não parar, sai se lamentando e pedindo desculpas. Os taxistas se reúnem na entrada da cidade para conversar e matar o tempo enquanto esperam pelos poucos clientes que talvez nem venham. Vendedores de antiguidades se reúnem na rua do centro comercial. Um grupo faz canoagem no rio que corta a cidade todas as quartas à noite e sábados. Praticantes fazem o Tai Chi no parque municipal pelas manhãs. Toda sexta-feira é dia de feira na freguesia ao lado da estação. O convento é aberto aos domingos e permite uma viagem no tempo com a duração que você desejar. O jardim convida você a fazer caminhadas e a se perder pelos diversos atalhos que foram uma vez traçados por cavaleiros.

A cidade toda é, em si, um refúgio para quem, como eu, vem de cidades grandes, acostumada a perder horas sem fim no trânsito caótico e a ter como opção de lazer, por falta de criatividade ou de tempo, os shopping centers e cinemas. Em Tomar não existe um shopping center. O cinema não transmite as estréias mundiais. E, talvez por isso, se tenha mais tempo.

MEMÓRIAS DE PORTUGAL

Se faça mais coisas. Se viva mais e melhor. Não vou negar que gosto da confusão da cidade grande, das várias de possibilidades que ela nos oferece. Mas a verdade é que quando estamos nela por muito tempo começamos a perder a capacidade de controlar nossa própria vida. Passamos a pautar nossas decisões no tempo e não na vontade. Na facilidade e não no prazer. E se não passamos por um momento de calma e novos ares, vamos, aos poucos, nos perdendo. Um intercâmbio em Tomar é o cenário perfeito para esse momento. No aspecto profissional, permite descobrir novos ângulos e novas perspectivas na área de estudos que talvez nunca tenhamos dado atenção ou simplesmente nunca nos foram apresentados. No âmbito pessoal, podemos ver a própria vida como um espectador, permitindo mais clareza sobre situações que em meio ao turbilhão das metrópoles muitas vezes pareciam sombrias. Neste sentido, podemos ver Tomar como um refúgio. De quê? Da mesmice do cotidiano e de quem estamos nos tornando sem nem mesmo nos darmos conta. A cidade e o momento de intercâmbio permitem as condições necessárias para o desenvolvimento profissional e pessoal de uma forma mais lúcida, em meio às dúvidas que a vida de estudante tantas vezes nos apresenta. Boa sorte ao se apaixonar por este incrível refúgio templário!

